



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

Economia, melancolia e arranjos da vida nas ruínas do açúcar (Matanzas, Cuba)

Autoria: Carlos Gomes de Castro (Nenhuma)

Desde princípios dos anos 1990, os dados estatísticos quantificam o crescente déficit de eficiência da economia açucareira cubana. Abraçada por tal decadência, a província de Matanzas deixou de ser área de notáveis trapiches, engenhos e centrais para revelar-se como uma zona de desmantelamentos onde se experimenta uma silenciosa moenda. A apresentação olha para esse cenário de detritos do passado no presente, marcado por espaços afetivos e objetos melancólicos que falam da vida e sua difícil experiência de feitura. Os decrescimentos dos índices produtivos, quando vistos etnograficamente, dão sinais da ação do processo de corrosão que altera não só indústrias, mas também os sujeitos que temporizam a vida a partir da relação entre ?safra? e ?tempo morto?. Considerando isso, baseado em uma etnografia de longa-duração com moradores de bateyes (comunidades açucareiras), o objetivo do paper é descrever e analisar como o processo de reestruturação da indústria açucareira cubana foi avaliado e conformado pelas pessoas que foram e são afetadas por ele. Na esteira de estudos antropológicos e geográficos contemporâneos sobre ruínas, a análise não toma o arruinamento como algo que estanca a dinâmica da vida, como se produzisse, em função dos desgastes, vazios sociais amorfos. Tenta-se demonstrar como, nos bateyes, são engendradas



maneiras de fazer do desmantelamento das usinas matérias que mantêm o movimento e reabilitam necessidades, reajustando a vida via des-construções. Observar esse espaço-tempo do açúcar possibilita compreender as ansiedades, espacialidades e temporalidades que estão em jogo nas experiências pessoais de falência das usinas e, em consequência, dos bateyes. O roteiro analítico-descritivo modula a escala entre fatos históricos e políticos mais amplos e eventos corriqueiros (e críticos) de diversas práticas da vida cotidiana: um entre que, às vezes, se transforma em mescla, isto porque, em seus relatos, as pessoas misturam, com ressignificações e reapropriações, macro e micro eventos para explicitar as cicatrizes de passados, conflitos e negociações que foram e são nelas deixadas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: